

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-457-3

DOI 10.22533/at.ed.573200710

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas relacionadas aos direitos humanos, democracia, cidadania, racismo, migrações e territórios.

Dialéticas Marxistas dão base para análises da prática profissional do serviço social, violação dos direitos humanos como meio de compreensão do fenômeno da pobreza (e os desafios do exercício da cidadania por pessoas em situação de rua) e práticas educativas apoiadas nos direitos humanos para a convivência com a diversidade no ambiente escolar. Colaboram, também, com as análises voltadas a um projeto educacional aplicado como ferramenta para que crianças se assimilem aos lugares de resistência ancestral de forma positiva; e sobre a relação da juventude com a alienação política. Precedendo a observação sobre como a formação continuada docente colabora com a promoção de mudanças metodológicas no ensino e, por consequência, nas mudanças de aprendizado.

Na sequência, relações de poder de ideologia patriarcal e as lutas das mulheres abrem espaço para os debates feministas e os papéis de esteio feminino nas sociedades – desde debates revolucionários à temáticas de saúde pública e autocuidado.

Performance e psicologia analítica são abordados na construção do personagem fictício e aplicados em projetos de combate à violência contra a mulher.

Reflexões de caráter antropológico e a contextualização da origem da imprensa alternativa homossexual são apresentados para o entendimento sobre a percepção de sujeitos gays negros frente à sociedade.

Além da compreensão de uma perpetuação de um estereótipo embranquecido – pano de fundo para o marketing de empreendimento imobiliário na formação do imaginário social na cidade de São Paulo.

Os capítulos finais abordam o estigma social, preconceito e desvalorização humana de profissões relacionadas à coleta de lixo; além do recorte local de um processo migratório global causador do aumento da população vulnerável em todo o planeta.

Na esteira das relações migratórias de fronteira, apresentamos como as representações sociais de identidades culturais podem reforçar, de maneira positiva, identificações entre nações.

Trata-se ainda, sobre o multiculturalismo e peculiaridades do campo; sob análises do processo histórico no qual o conceito de propriedade se cunhou; territórios e resistências na construção de comunidades e sobre a luta e libertação do colonialismo.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SERVIÇO SOCIAL E TEORIA MARXIANA: HISTÓRIA, SUPERAÇÕES E CONTINUIDADES Nathália Pereira Prado Solange Fernandes DOI 10.22533/at.ed.5732007101	
CAPÍTULO 2	16
A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS E OS PROCESSOS DE VIOLAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA Gustavo Júnior Andrade dos Reis Robert Henrique Sousa Dantas Paulo Sérgio Araújo DOI 10.22533/at.ed.5732007102	
CAPÍTULO 3	25
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL ALDENIRA NUNES NO MUNICÍPIO DE FLORIANO-PI Sandra Muniz Vieira DOI 10.22533/at.ed.5732007103	
CAPÍTULO 4	38
REVERBERANDO O LUGAR DA PEQUENA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ATRAVÉS DO PROJETO: AFRICANIDADES E BRASILIDADES Marivania Xavier Cavalcanti Costa DOI 10.22533/at.ed.5732007104	
CAPÍTULO 5	49
PROTAGONISMO JUVENIL OU ALIENAÇÃO: DILEMAS DO COTIDIANO E INTERAÇÕES NO CAMPO POLÍTICO José Silon Ferreira Aloisio Ruscheinsky DOI 10.22533/at.ed.5732007105	
CAPÍTULO 6	62
ESTUDO SOCIOINTERACIONAL DO DISCURSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DF EM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA Vera Lúcia Godinho Carneiro DOI 10.22533/at.ed.5732007106	
CAPÍTULO 7	73
APONTAMENTOS SOBRE PATRIARCADO, MOVIMENTOS FEMINISTAS E DIREITOS DAS MULHERES CUBANAS PÓS-REVOLUÇÃO Rita de Cassia Krieger Gattiboni Rosângela Angelin DOI 10.22533/at.ed.5732007107	

CAPÍTULO 8	85
SAÚDE E SABERES DAS MULHERES EM CONTEXTO RIBEIRINHO Priscila Freire Rodrigues Lígia Costa de Sousa Nogueira Martins DOI 10.22533/at.ed.5732007108	
CAPÍTULO 9	101
NÓS - TEATRO DAS OPRIMIDAS E A (DES) NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES Michelle dos Santos Lomba DOI 10.22533/at.ed.5732007109	
CAPÍTULO 10	116
O MUNDO ÍNTIMO DOS ARTISTAS: SANIDADE OU LOUCURA SOB O VIÉS JINGUIANO Andréa Hamminni Pires da Silva Avila Franquetto Carla Barcelos Nogueira Soares João Carlos de Aquino Almeida DOI 10.22533/at.ed.57320071010	
CAPÍTULO 11	128
QUESTÕES DE (DES)GOSTO: NOTAS REFLEXIVAS SOBRE MASCULINIDADE, NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E AFETO Vinicius Luis Pires Queiroz DOI 10.22533/at.ed.57320071011	
CAPÍTULO 12	140
A EUGENIA NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE OS ANOS DE 1988-1990 ATRAVÉS DO JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO” Bolají Alves Matos de Paula Xavier DOI 10.22533/at.ed.57320071012	
CAPÍTULO 13	151
O CANTO DAS SEREIAS: IMAGENS DO HABITAR NA CIDADE DE SÃO PAULO SOB O CAPITALISMO FINANCEIRO Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro Fábio Lopes de Souza Santos DOI 10.22533/at.ed.57320071013	
CAPÍTULO 14	167
O GARI E O CATADOR COMO TRABALHADORES <i>OUTSIDERS</i> E A ESTIGMA SOCIAL Kayo Henrique Duarte Gameleira Thallys Emanoell Pimenta de Freitas Ailton Siqueira de Sousa Fonseca DOI 10.22533/at.ed.57320071014	

CAPÍTULO 15	180
REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO MIGRATÓRIO DOS VENEZUELANOS PARA O BRASIL	
Lucelaine dos Santos Weiss Wandscheer	
Flávia Candido da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.57320071015	
CAPÍTULO 16	194
A REAFIRMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA AMIZADE URUGUAIO-BRASILEIRA NO TELEJORNALISMO E NO IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.57320071016	
CAPÍTULO 17	208
IMPLICÂNCIAS E SILÊNCIOS DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO LINGUAJAR CAMPEIRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airtton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.57320071017	
CAPÍTULO 18	226
A PROPRIEDADE DA TERRA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	
Lorenzo Giovanni Gava	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.57320071018	
CAPÍTULO 19	234
GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E QUILOMBOS: OS DESAFIOS NO DEBATE DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS	
Maria Pricila Miranda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071019	
CAPÍTULO 20	244
PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA ÁFRICA LUSÓFONA: AMÍLCAR CABRAL E O MOVIMENTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE	
Cam-naté Augusto Bissindé	
DOI 10.22533/at.ed.57320071020	
SOBRE O ORGANIZADOR	260
ÍNDICE REMISSIVO	261

CAPÍTULO 9

NÓS - TEATRO DAS OPRIMIDAS E A (DES) NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Michelle dos Santos Lomba

UNESPAR/ FACULDADE DE ARTES DO
PARANÁ/ PPGARTES
<http://lattes.cnpq.br/0219153022060081>

RESUMO: Este artigo se propõe a revisitar o processo criativo da intervenção urbana *Nós*, bem como sua trajetória artística iniciada em dois mil e seis no CEU - Complexo Educacional Unificado Inácio Monteiro, durante as orientações em teatro para jovens e adultos moradoras do extremo leste da cidade de São Paulo, região com altos índices de vulnerabilidade social e feminicídio. As criadoras intérpretes participantes do Programa Vocacional da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, sob a orientação de Michelle Lomba, realizaram diversas performances em diferentes contextos sociais e formatos artísticos até meados de dois mil e dezenove. Essa pesquisa artística política pedagógica tem por objetivo colaborar para o combate das violências contra as mulheres e elucidar práticas da pedagogia teatral, através da Estética do Oprimido criado por Augusto Boal, o Teatro das Oprimidas sistematizado por Bárbara Santos e Alessandra Vannucci, os jogos do arsenal do Teatro do Oprimido, improvisações cênicas a partir da técnica de Teatro Imagem, conceitos em performance e teatro de rua como arte pública. Fizeram parte do processo criativo as narrativas

personais de relacionamentos abusivos, estudos sobre gênero e feminismo interseccional atrelado as desigualdades de gênero, raça e classe. A partir da intervenção urbana *Nós*, conclui-se que estéticas feministas realizadas no espaço urbano, contribuem para a desestabilização de discursos e desnaturalização de violências contra as mulheres, a fim de denunciar através de corpos femininos na cena, as violências simbólicas, psicológicas, físicas, patrimoniais e sexuais, além de romper com o silenciamento e invisibilidade dessas violências presentes cotidianamente na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia do Teatro; Teatro das Oprimidas.

WE – THEATER OF THE OPPRESSED AND (DE) NATURALIZATION OF VIOLENCES AGAINST WOMEN

ABSTRACT: This article is revised creatively by the urban intervention *We*, as well as its artistic trajectory started in two thousand and six the Inácio Monteiro Unified Educational Complex, during theater orientations for young women living in the far east of the city of São Paulo, a region with high indices of social vulnerability and femicide. As performers participating in the Vocational Program of the Municipal Secretary of Culture of São Paulo, under the guidance of Michelle Lomba, performed several several performances changes in different social contexts and artistic formats up to two thousand and nineteen. This artist pedagogical aims to collaborate to combat violations against women and had as theoretical reference the Aesthetics Oprimido created by Augusto Boal, the Theater

of the Oppressed Women systematized by Bárbara Santos and Alessandra Vannucci, the games in the arsenal of Teatro Oprimido, scenic improvisations from of the Image Theater technique, concepts in performance and street theater as public art. They were part of the creative process as personal narratives of sexual abuse, studies on gender and intersectional feminism linked to inequalities of gender, race and class. From the urban intervention *We*, we concluded that feminist aesthetics executed in the urban space, contribute to the destabilization of discourses and denaturalization of violations against women, through the female body in the scene, denounce violence symbolic, psychological, patrimonial violations and sexual, addition to breaking with the silencing and invisibility of these violence present daily in contemporary society.

KEYWORDS: Theater's Pedagogy; Theater of the oppressed woman.

O presente artigo foi elaborado com vistas a ampliar as reflexões acerca do ensino do teatro às práticas artísticas performativas realizadas no espaço urbano (ruas/praças) e espaços alternativos, bem como, gerar visibilidade ao combate as violências contra as mulheres, explicitados nas cenas apresentadas *Marias Silenciadas, Vidas e Vidas, Cultura do Estupro* e na intervenção urbana *Nós*.

Esta investigação artística pedagógica associou os estudos de gênero, feminismo interseccional e a pedagogia teatral, aos processos cênicos colaborativos que culminaram na criação da intervenção urbana *Nós*. A criação desta obra iniciou-se em dois mil e seis no CEU - Complexo Educacional Unificado Inácio Monteiro, a partir de encontros de orientação teatral propostos pela artista docente Michelle Lomba, a jovens e adultos moradores do extremo leste da cidade de São Paulo, participantes do Programa Vocacional da Secretaria Municipal de Cultura.

Os temas das pesquisas artísticas, seus desdobramentos, opções estéticas e formatos de apresentações desenvolvidas no Programa Vocacional, segundo o material norteador que rege as ações do programa público, devem emergir coletivamente do desejo das (s) artistas vocacionadas (os), como são chamadas (os) as (os) participantes do projeto. Sendo assim, a vontade de abordar questões relacionadas às violências contra as mulheres, partiu de questionamentos como: Como transformar idéias, posicionamentos, discursos em ações cênicas? Sobre o que tenho vontade de comunicar na cena? Porque fazer teatro? Para quem fazer teatro?

Esses questionamentos, somados ao desejo pessoal da artista orientadora Michelle Lomba, em trazer à tona as desigualdades de gênero, que atravessam cotidianamente vidas de mulheres, fazendo-se presente nas narrativas das jovens participantes das orientações teatrais, e, associada aos crescentes índices de feminicídio no país, foi decidido coletivamente que essas questões seriam materializadas em ações cênicas, “um processo em que a fome de teatro seja despertada pelo próprio prazer da experiência” (DESGRANGES, 2017, p. 159).

Cabe ressaltar, a pluralidade de mulheres que fizeram parte da pesquisa em questão,

sendo, mulheres heterossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais, mulheres brancas, negras e pardas, pois é necessário reconhecer as opressões multifacetadas oriundas de demarcadores sociais de gênero, raça e classe.

Sabemos que todas as sociedades se movem através de estruturas conflitantes: como poderíamos nós, então, assumir uma virginal posição isenta diante de conflitos dos quais, queiramos ou não, fazemos parte? Seremos sempre aliados dos oprimidos... ou cúmplices dos opressores. Fazer Teatro do Oprimido já é o resultado de uma escolha ética, já significa tomar partido dos oprimidos. (BOAL, 2008, p.25).

Logo, essas opressões foram evidenciadas durante o processo criativo, tanto nas rodas de conversas, a partir do compartilhamento de histórias pessoais, quanto nas análises críticas das cenas apresentadas e na participação do público em contato com a obra.

NÓ Sobre Nós

Quantos nós, mulheres há em nós?

Quantas de Nós, mulheres, temos nós para serem desatados?

Quantos nós desatamos, emaranhados engolimos

em nossas casas, família, trabalho,

transporte público, ruas e praças?

Quantos nós, mulheres,

Somos violentadas e assediadas diariamente?

Ah, mais ela mereceu! A culpa é Dela! Saiu com essa roupa!

Quantos nós, nossas crianças não aprenderam a desatar?

Se comporta menina! Seja uma boa moça!

Você é uma princesa!

Quantas de Nós, somos silenciadas, abusadas, estupradas

Mortas sem desatar os nós que há em Nós?

(LOMBA, 2019, p. 11,12)

Durante as orientações teatrais, emergiram diversas performances relacionadas às violências contra as mulheres, que foram apresentadas em diferentes contextos sociais e formatos artísticos até meados de dois mil e dezenove.

O ensino do teatro compreendido como formação cidadã, que contribui para o exercício permanente da sensibilidade, reflexão, reconhecimento da própria realidade social, a fim de, produzir arte, em especial, o teatro, de forma libertária e ampliar as possibilidades de ser, estar e viver em sociedade, transformando-se afetivamente de forma a gerar empoderamento e tomada de decisões conscientes, visto que, as práticas em Teatro do/as Oprimidos/as, são “marcadamente coletivas, carregadas de matrizes culturais que se caracterizam pela natureza comunitária de seus processos de aprendizagem, criação, produção e realização de suas formas estéticas” (TURLE, 2014, p. 16).

Para tanto, praticou-se Teatro dos/as Oprimidos/as criado por Augusto Boal, jogos teatrais, improvisações cênicas, exercícios de escrita dramática, rodas de conversas sobre feminismo, opressões de gênero, a Lei Maria da Penha, debates acerca dos temas levantados pelos participantes, como racismo, homofobia, machismo, desigualdades sociais, entre outros, e, assistências de espetáculos teatrais como, por exemplo, o espetáculo *Carne da Cia Kiwi* e, sobretudo espetáculos de grupos de teatro de rua, como a *Cia Humbalada* (SP), a *Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz* (RS), o *Tá na Rua* (RJ), o *EITA! Ação Cultural* (SP), além de ações culturais vivenciadas ao longo de um ano de encontros.

A arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimentos como conhecimento [...] A arte progressista pode ajudar as pessoas a aprender não apenas sobre as forças objetivas em ação na sociedade em que vivem, mas também sobre o caráter intensamente social de suas vidas interiores. Em última análise, ela pode incitar as pessoas no sentido da emancipação social. (DAVIS, 2017. p. 166).

Sendo assim, a experiência teatral além de ampliar repertórios culturais dos indivíduos, desperta para percepções de mundo, além de provocar reflexões profundas geradas através da assistência de espetáculos, bem como, da vivência de estar na cena, pois o teatro pode vir a transgredir espaços, relações e instituições hierarquizadas, sexistas e classistas, mediante a evidências de novas construções imaginárias, a fim de gerar questionamentos a naturalização das violências sociais.

As orientações cênicas propostas, tiveram como objetivo cultivar o pensamento em rede, as aprendizagens colaborativas que visa provocar mais perguntas do que respostas, a fim de valorizar as criações artísticas autorais e a problematização de lógicas instauradas, já que a confiabilidade na formação artística sucede-se nas fissuras e no pertencimento identitário em relação com o território.

Fruto dessas experiências teatrais emancipatórias, nasce à cena intitulada *Marias Silenciadas*, onde uma personagem de gênero feminino é assediada por um grupo de

garotos que a abordam de forma violenta, verbalizando xingamentos que a inferiorizam, e, cometem violências físicas, como passadas de mãos em seu corpo, tentativas de beijos forçados, puxões na blusa e na saia, até que a garota violentada, finaliza a cena destruindo um bicho de pelúcia e grita silenciosamente, ou seja, sem emitir o som do grito.



Figura 1: Artistas vocacionados na cena *Marias Silenciadas*, apresentada no CEU Jambeiro, São Paulo, 2016. Fotografia Michelle Lomba.

Participaram da construção da cena, jovens de gênero masculino e feminino e foi possível identificar o quanto os homens cometem violências como explicitadas na cena, porém, não reconhecem como prática abusiva, enquanto que as mulheres participantes demonstram conhecimento em relação à condição de vulnerabilidades dos corpos femininos e aos canais de denúncia como o 180, mas alegam não denunciar e romper com o silêncio, devido à falta de apoio familiar, escolar e a ausência de políticas públicas, assim como, a existência de mais delegacias da mulher na cidade.

Que dia é hoje?

1h? 503 mulheres brasileiras AGREDIDAS.

10 minutos? Uma mulher ESTUPRADA.

1 dia? 164 estupros denunciados.

15 MULHERES mortas.

2017 ou Idade Média?

500 mil estupros por ano.

Brasil? 500 anos de invasão portuguesa

Estupros indígenas

Escravas sexuais africanas

5º país do mundo que mais MATA mulheres.

Cada 4 mulheres. Uma já foi violentada.

Agressor? Marido, ex-marido, Noivo, ex-noivo,

Namorado, ex-namorado

Quer casar comigo?

(LOMBA, 2019, p. 22, 23)

No Brasil, graças à atuação do movimento feminista, a Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, assim chamada em homenagem à farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes, uma das vítimas da violência doméstica, representa um grande avanço no combate as violências contra as mulheres, a fim de assegurar-lhes o exercício dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, dentre outros direitos fundamentais previstos na Constituição Brasileira. A Lei garante atendimento especializado em Delegacias das Mulheres, bem como, abrigos para as vítimas de violências, medidas protetivas para manter o agressor longe da vítima e prevê penas de reclusão social.

A Lei Maria da Penha é um microssistema legislativo que alberga normas dos diversos ramos do Direito, tais quais: Direito Penal, Direito Trabalhista, Direito Civil e Direito Administrativo, percebendo a violência contra a mulher e sua superação como fenômeno multidisciplinar, regulando a criação de juizados específicos para julgamento das causas e a intervenção de equipe formada por profissionais de diversas especialidades com vistas à superação da violência. (SILVA, et al, 2010, p.48).

Esta Lei, prestes a completar quatorze anos de execução, tem contribuído de forma significativa para os avanços na erradicação das violências de gênero, porém as participantes julgam a lei insuficiente, embora as mulheres declarem conhecê-la. Para Conrado (2000) infere que a criação da Delegacia da Mulher contribuiu para que o fenômeno do espancamento e outras agressões, incluindo-se a violência sexual, conquistassem uma maior visibilidade no cenário público.

A cena *Marias Silenciadas* foi apresentada por seis vezes em diferentes equipamentos públicos culturais localizados no extremo leste da cidade de São Paulo, para um público estimado de duzentas pessoas, em sua maioria, jovens, que após as apresentações, participavam do debate proposto pelo grupo e dialogaram sobre a Lei Maria da Penha.

Tantas Marias

Marias silenciadas

Marias que não estão nas ruas

Marias ocupadas em suas casas com tarefas domésticas

Marias que cuidam dxs filhxs, irmãos, pais, avós, tixs

Marias proibidas de sair nas ruas da quebrada

sozinhas na madrugada

Marias que saem sozinhas

sentem muito medo por serem Marias

Marias que saem e são estupradas

Marias que namoram e não são respeitadas

Marias que gostam de Marias

Não podem contar para as suas famílias

Marias que fazem o que querem

São desrespeitadas por outras Marias

Marias mães de filhxs que os pais abortaram

Marias julgadas pela maternidade solo

Marias que falam, ensinam, choram, gritam

invisibilizadas são as Marias.

Marias artistas, estudantes, educadoras, manicures, diaristas

Marias que sonham, lutam, são iludidas, exploradas, enganadas

desejam não ser mais Marias.

Marias que sofrem todos os dias por serem Marias

Marias que não perceberam tantas coisas

que acontecem por serem Marias

Silenciadas sempre são as Marias.

(LOMBA, 2019, p. 62, 63)

De acordo com Martins (2009), o teatro concorre para os processos de constituição da estudante-cidadã e, por isso mesmo, amplia a sua capacidade de compreensão e intervenção na realidade dentro de uma perspectiva autônoma e democrática, já que, esta linguagem artística tem o potencial de borrar na cena da vida cotidiana.

Outra cena criada, como desdobramento e continuidade das reflexões acerca da temática abordada, foi *Vidas em Vidas* que apresentava a relação entre um casal heterossexual, onde uma personagem de gênero masculino, esposo opressor permanece na frente da TV, assistindo o jogo de futebol, enquanto a esposa realiza tarefas domésticas como cozinhar, varrer, lavar roupas, estender roupas, passar pano na casa e mesmo executando as tarefas sozinhas, é interrompida pelo esposo diversas vezes, que grita pedindo a cerveja, em seguida, grita solicitando as refeições, e após um dia de violências simbólicas, psicológicas e verbais, ao anoitecer, a esposa é forçada a ter relacionamento sexual e ele, o esposo, afirma que essa é a obrigação de uma mulher casada, a de satisfazer os desejos sexuais masculinos, além de servi-lo, já que é para isso que as mulheres servem.



Figura 2: Cena *Vidas em Vidas*, apresentada no CEU Inácio Monteiro, São Paulo, 2016.
Fotografia Michelle Lomba.

Esta cena demonstra a naturalização das violências domésticas e afirma a função social que a mulher ocupa, de mantenedora dos cuidados com o lar e a família, justificada por fatores biológicos, porém a personagem finaliza a cena pedindo a separação e anuncia a sua partida da casa já que ela percebe-se inserida em um relacionamento abusivo que precisa ser rompido, sendo assim, “o teatro do oprimido quer ser um espelho mágico onde possamos de forma

organizada, politizada, transformar a nossa e todas as imagens de opressão que o espelho reflete” (BOAL, 2008, p.190).

Na cena *Cultura do Estupro*, pautada em partituras corporais realizadas por garotas brutalmente violentadas sexualmente, que demonstram a fuga, o espancamento, puxadas pelo cabelo e o estupro. As mulheres na cena estão de batom vermelho, para após a

violência sexual sofrida, borrar o batom na boca, tirando-o enquanto verbalizam nomes de mulheres violentadas presentes em matérias de jornais estudadas durante o processo criativo, assim como, de mulheres conhecidas pelas interpretes criadoras que já sofreram algum tipo de violência relatada.

Palavra de uma mulher que acusa um homem de estupro, é, antes de tudo, uma palavra da qual duvidamos. Por fim, acabei por admitir: estupros acontecem o tempo todo. Eis aqui um ato aglutinador, que conecta todas as classes sociais, idades, corpos e personalidades. (DESPENTES, 2016, p. 29)

Neste sentido, o trabalho sobre as relações de gênero deve ter como ponto de partida o combate de relações autoritárias e o questionamento dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres. A fim de praticar um fazer teatral voltado para a valorização da troca de experiências e o encontro com a diversidade de corpos, considerados essenciais no desenvolvimento das capacidades expressivas, da socialização e da sensibilidade das pessoas envolvidas no processo cênico, a fim de garantir o desempenho das potencialidades do sujeito como cidadão político social, capaz de torna-se sujeito artista, logo, artista vocacionada, criadora da própria obra cênica.



Figura 3 e 4: Cena *Cultura do Estupro* apresentada no CEU Inácio Monteiro, São Paulo, 2016.

Fotografia Michelle Lomba.

A feitura do Teatro do/a Oprimidos/as, entendida como instrumento de intervenção política e social, assegurada em uma estrutura democrática, do diálogo entre todas (os) envolvidas (os) na busca de alternativas para conflitos interpessoais sociais e de um processo coletivo para a construção de novos saberes, visto que, a pedagogia teatral promove descobertas pessoais e coletivas de caminhos a serem trilhados, podendo assim, contribuir para ampliar os espaços de problematização de modelos opressores.

A pedagogia teatral de Boal foi denominada por ele mesmo de teatro do oprimido, tomando emprestada a expressão utilizada por Paulo Freire para designar sua radical proposta educativa (pedagogia do oprimido). O teatro do oprimido consiste, basicamente, num conjunto de procedimentos de atuação teatral improvisada, com o objetivo de, em suas origens, transformar as tradicionais relações de produção material nas sociedades capitalistas pela conscientização política do público. (JAPIASSU, 2001, 37).

Neste contexto, após os experimentos cênicos das cenas relatadas acima, as artistas vocacionadas Leticia Viturianna, Thainá Gonçalves e Victória Barros, sob a orientação de Michelle Lomba, desdobram a pesquisa artística na intervenção urbana *Nós*, no intuito de aprofundar esteticamente a temática abordada. Trata-se da continuidade da criação de uma performance para rua, praças, espaços não convencionais e tem como premissa, dialogar diretamente com os transeuntes sobre as violências contra as mulheres.

A partir deste momento, em meados de dois mil e sete até o ano de dois mil e nove, a laboração de *Nós*, passa por diferentes roteiros de ações performativas, que elucidam as vulnerabilidades das mulheres, tratadas como, “*Corpo objeto. Corpo ridicularizado. Corpo materno. Corpo plastificado. Corpo amputado. Corpo queimado. Corpo jogado. Corpo casado. Corpo caçado. Corpo cansado. Corpo abortado. Corpo estuprado. Corpo silenciado*”. (Lomba, 2019, p. 20).

Estes roteiros, dialogam com a arte da performance, que acontece na presença com o público considerado parte integrante da obra, relacionando-se com o espaço urbano ocupado, pois, não se trata de um espetáculo formatado com cenas determinadas, já que os roteiros de ações performáticas são fluidos, impactados, afetados, alterados no mesmo tempo e espaço conforme as relações humanas estabelecidas, pois “cada indivíduo é um performer em potencial e cada situação de vida cotidiana, a possibilidade de oferecer uma pequena performance. A teatralidade nas interações da vida cotidiana. (Turle, 2014, p. 98).

Observe o roteiro de ações cênicas:

Mulheres em cena com figurino/roupa pessoal que gosta de usar e frequentemente é assediada quando está usando. Portar um batom vermelho preso ao sutiã e pequenos papéis na mão com as frases impressas, para serem entregues ao público.

AÇÃO 1 – Em silêncio, espalhadas entre as pessoas, distribuir papéis pequenos dobrados para as pessoas na rua. (nos papéis estará escrito “Abra” e “Fale em Voz Alta – puta, vadia, vagabunda, piranha, vaca, filha da puta, safada).

AÇÃO 2 – Parar entre as pessoas e escrever pelo corpo com batom vermelho os xingamentos ditos e por último passar batom vermelho na boca.

AÇÃO 3 – Diálogos.

Mulher: Olha aquela roupa! (em direção a mulheres de saia). Isso é cumprimento de saia! Tá pedindo né?

Todas: Tá pedindo né?

Mulher: Olha aquele decote? Os peitos tudo de fora!

Todas: Tá pedindo né?

Mulher: É aquela ali? Isso é jeito de sair na rua?

Todas: Tá pedindo né?

Mulher: Mulher decente não anda assim!

Todas: Tá pedindo né?

Mulher: Ah, isso é jeito de mulher falar?

Todas: Tá pedindo né?

Mulher: Senta direito, mulher! Nem parece uma menina.

Todas: Tá pedindo né?

AÇÃO 4 – Tirar o batom da boca falando nome de mulheres importantes na sua vida, enquanto uma mulher fala dados reais de violências contra as mulheres.

Mulher: A cada onze minutos uma mulher é agredida no Brasil. A cada dez mulheres brasileiras, oito já foram agredidas. Uma mulher é violentada sexualmente a cada quatro minutos. Estima-se que no Brasil, a casos de meio milhão de vítimas de estupros por ano, mais esse número é ainda mais alto considerando as mulheres que envergonhadas não denunciam. As principais vítimas de violência sexual são meninas de nove a quatorze anos e os estupradores geralmente são conhecidos da vítima. Ao contrário do que dizem, os estupros ocorrem com maior frequência entre os períodos da manhã e da tarde.

Todas: Nós não estamos pedindo! Não queremos ser assediadas, violentadas, agredidas e mortas por sermos mulheres.

AÇÃO 5 - Ir embora, se perder na multidão.

A opção estética pelo xingamento, marcadas nos corpos com batom vermelho, tirou do imperceptível as violências simbólicas e verbais, e, trouxe à tona, como molas propulsoras, a denúncia, de outras formas de violências como a física e a sexual.

A maioria das mulheres mortas já sofria algum tipo de violência cotidiana, às vezes sutil ou psicológica, e que acabou em homicídio. Esses crimes se diferenciam de outros crimes, como roubo ou mortes em brigas de trânsito e de bar. A diferença é que as mulheres mortas em situação de violência doméstica são mortas pelo fato de serem mulheres. Trata-se de violência de gênero. (AUAD, 2003, p.79).

Após três intervenções realizadas nesse formato, optou-se coletivamente por eliminar os papéis e perguntar intimamente, aproximando-se de cada transeunte de gênero feminino: “Você já foi xingada por um homem?”, e para transeuntes de gênero masculino: “Você já xingou uma mulher?”. Após várias respostas, era escrito os xingamentos nos corpos das performers e/ou era oferecido o batom vermelho, para que a própria pessoa escrevesse em alguma parte do corpo escolhida por ela.

Depois de ter o corpo preenchido, os xingamentos eram tirados com esfregões pessoais, acompanhado pela pronúncia de nomes de mulheres. Mulheres transeuntes

também colaboraram com a retirada dos xingamentos dos corpos, além de, oferecer panos, abraços, olhares atentos, lágrimas, carinhos no cabelo, no rosto, palavras de agradecimento e incentivo para as artistas da cena, demonstrando um encontro de empatia, reconhecimento e irmandade entre distintas mulheres que partilharam no acontecimento teatral.



Figura 5 e 6 - *Nós*, intervenção urbana apresentada no Encontro Esqueçam as flores na praça da Escola Livre de Teatro de Santo André, 2017. Na cena, Leticia Viturianna e Thainá Gonçalves. Fotografia Manuela Alves.

Foi possível perceber que esse novo formato, impactava e aproximava mais o público da performance, pois era escutado os diversos relatos de agressões e abusos sexuais, tanto depoimentos de homens agressores, como de mulheres agredidas. Um dos depoimentos foi de uma mulher, mãe de dois filhos pequenos que estava a anos sendo violentada fisicamente pelo esposo e tinha vontade de se separar e voltar para Bahia, para casa de familiares, porém ela dizia ter muito medo de ser morta por ele, e, perguntava a performer Michelle Lomba, se ela deveria contar para família. A resposta foi sim, atrelada a informações sobre a Lei Maria da Pena e o disque 180.

Relato como esse, aproxima-se do entendimento da “pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmo e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização”. Essas experiências, geram reverberações na presença cênica, já que o corpo inevitavelmente era afetado pelos depoimentos proferidos, logo, emoções, como culpas, dores, medos, angústias, inseguranças, revoltas, incertezas e arrependimentos, expunha feridas não cicatrizadas, que foram traduzidas em estéticas artísticas.

A escolha pela rua como espaço cênico se dá porque é no espaço público e

democrático, torna-se viável as aproximações com pessoas de diferentes faixas etárias, classes, raças e gêneros, historicamente excluídas de espaços convencionais destinados as manifestações artísticas, visto que, “apropria-se do espaço urbano entendendo que a arte pública de rua está calcada em espaços de compartilhamento de idéias e desejos, sobretudo por espaços de trocas de experiências e pelo bem comum” (GOMES, 2016, p.152).

Logo, o teatro solicita a presença total dos seus jogadores/criadores possibilitando a integração do indivíduo consigo, assim como, o deslocamento do eu para com o outro, em um exercício de alteridade, sobretudo pelo estabelecimento de parcerias, quando todos têm a oportunidade de pensar, realizar, avaliar e redefinir juntos os objetivos a serem atingidos. Por esta razão, a pedagogia teatral é de suma relevância em propostas pedagógicas como esta, comprometida com a apreciação estética da realidade. Para Boal (2007), o debate, o conflito de idéias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação - elementos comuns em um processo cênico-criativo – estimulam, aquecem, enriquecem e preparam os sujeitos nele envolvidos para atuarem na vida em sociedade.

Para tanto, soma-se ao processo, saberes de outras linguagens artísticas, como a dança, a fotografia e a poesia, “a expressão registrada no papel ou no movimento revela os enfrentamentos vivenciados pelo corpo. A perspectiva pessoal encontra a análise coletiva” (SANTOS, 2019, p.79), materializada na publicação do livro de fotos poemas *Pele para nossos CORPOS* e na intervenção urbana *Nós*, realizada em diferentes cidades, como São Paulo, Santo André, Guarulhos e Salvador.

[...] ser professora é parte do meu projeto artístico. [...] Como professora-performer meu trabalho é propor e vivenciar experiências. Tais experiências visam o desenvolvimento e a integração das capacidades orgânicas, criativas e comunicacionais do atuante (performer, cidadão, sujeito histórico, vivente) e visam seu fortalecimento por meio do aumento da agilidade, flexibilidade e disponibilidade. Considero a sala de aula um dos mais interessantes espaços performativos, pois que estabelecemos, de antemão, um pacto colaborativo. Trata-se de um espaço de criação e experimentação, um microcosmo político a ser poeticamente e pedagogicamente explorado (FABIÃO, 2009, p. 66).

Cabe salientar, que através da Arte, foram constatadas as estruturas machistas, racistas e classistas, onde predomina a dominação masculina, a branquitude e o discurso da classe dominante, que gera um sistema perverso de opressões complexas e multifacetadas que adquire diversas roupagens conforme o contexto, portanto, “o chamado da performance é justamente este: posicione-se já, aqui e agora” (FABIÃO, 2009, p. 70), assim como, nas práticas em Teatro dos/as Oprimidos/as.

Sendo assim, *Nós*, instaura memórias, desnaturaliza violências contra as mulheres, provoca reflexões dialógicas e celebra corpos femininos vivos na cena, que demonstram resistência. Corpos marcados pela coragem de mulheres que permanecem em luta na cena da vida cotidiana, para garantir o direito ao voto, ao trabalho remunerado, ao divórcio, a

guarda das (os) filhas (os), aos estudos, a fim de, exercer o direito a voz e a vida digna. Vozes poetizadas em corpos performativos em defesa da igualdade, equidade, representatividade de gênero, raça e classe, pelo fim das violências contra as mulheres.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. **Jogos para atores e não atores**. 4° ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CONRRADO, Mônica Prates. **A fala de vítimas e indiciados em uma delegacia da mulher**. In: Diálogos: Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Maringá: 2000. V. 04 – N. 04 – 2000 – Anual/ ISSN 1415-9945.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n.1 Edições, 2016.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocações e dialogismo**. 4° Ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

FABIÃO, Eleonora. **Performance, Teatro e Ensino: poéticas e políticas da interdisciplinaridade**. In: TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson (Org.). **Cartografias do Ensino do Teatro**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (p. 61-72).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. São Paulo: Papyrus, 2001.

MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. **“Encontro Marcado”: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades**. Salvador/BA. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, 2009. Tese (Doutorado em Artes Cênicas).

LOMBA, Michelle dos Santos. **Pele para nossos CORPOS**. São Paulo: Ed. Me Parió, 2019.

SANTOS, Bárbara. **Teatro das Oprimidas**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

SILVA, Luciana Santos, *et al.* **O que queres tu mulher? Manifestações de gênero no debate de constitucionalidade da ‘Lei Maria da Penha’**. In: 5° Prêmio - construindo a igualdade de gênero: redações, artigos científicos e projetos pedagógicos premiados. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

TURLE, Licko. **Teatro do Oprimido e negritude: a utilização do teatro-fórum na questão racial**. 1º edição. Rio de Janeiro: E- papers. Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

TURLE, Licko; TRINDADE, Jussara; GOMES, Vanéssia (org). **TEATRO DE RUA – Discursos, Pensamentos e Memórias em Rede**. Fortaleza: Aldeia Casa Viva, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 2, 43, 128, 134

Africanidades 38, 42, 43, 44, 46, 48

Alteridade 16, 54, 113

América Latina 3, 4, 14, 81, 84, 163, 169, 180, 181, 185, 187, 188, 190, 238

Antropologia 128, 130, 135, 138, 179, 195, 207, 235, 236

Arquétipos 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 134

Artes 60, 101, 114, 116, 117, 120, 125, 127, 178

C

Comunicação 57, 58, 63, 64, 69, 70, 126, 138, 142, 148, 150, 154, 156, 159, 161, 166, 181, 186, 190, 192, 194, 195, 207, 245, 260

D

Democracia 29, 37, 41, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 75, 79, 185, 224, 227, 254, 256

Dialética 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 54, 57, 113, 161

Direitos das Mulheres 73, 77, 79, 81

Direitos Humanos 16, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53, 54, 74, 78, 183, 191, 193

Discurso 4, 50, 56, 62, 63, 64, 72, 87, 92, 113, 127, 133, 147, 150, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 217, 224, 227, 254

Diversidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 41, 42, 47, 55, 58, 63, 65, 68, 71, 79, 109, 150, 158, 163, 164, 198, 211, 239, 243

E

Educação 5, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 61, 62, 63, 71, 72, 73, 75, 76, 83, 85, 91, 106, 122, 199, 202, 204, 220, 224, 236, 246

Emancipação Feminina 73

Ensino 15, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 38, 39, 41, 43, 48, 50, 56, 59, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 71, 90, 102, 104, 114, 125, 199, 208, 210, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Escola 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 58, 62, 68, 71, 78, 90, 112, 147, 149, 179, 209, 210, 220, 221, 222, 223, 224

Estigma 116, 132, 134, 135, 138, 167, 170, 171, 176, 177, 178

Ética 11, 16, 19, 23, 24, 59, 83, 84, 103, 149, 178

Etnografia 38, 43, 48, 130, 135, 136

Eugenia 140, 146, 150

F

Formação Continuada 62, 63, 64, 65, 71

Fronteiras 56, 57, 72, 194, 200, 201

G

Geografia 147, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 243

H

História 1, 2, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 34, 38, 40, 41, 42, 47, 54, 58, 61, 78, 80, 84, 89, 99, 114, 120, 122, 125, 134, 140, 141, 150, 161, 169, 185, 186, 187, 196, 197, 200, 202, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 235, 236, 240, 241, 248, 249, 256, 257, 258, 259

Homossexualidade 128, 131, 132, 133, 134, 138

I

Idosos 204

Inconsciente Coletivo 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126

Integração Social 55

J

Jornalismo 140, 195

Juventudes 49, 50, 54, 55, 60, 61

L

Ludicidade 38, 41, 42, 43, 46, 48

Lugares de resistência 38

M

Masculinidades 137

Movimento Migratório 180

Movimentos Feministas 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 83

N

Negritude 115, 128, 130, 131, 134, 149, 246

O

Outsiders 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Patriarcado 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84

Pedagogia do teatro 114

Periódicos 126, 140, 141, 143, 145, 148

Plantas Medicinais 85, 86, 89, 90, 96, 97, 98, 99

Pobreza 3, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 34, 36, 37, 180, 189, 192

Propriedade da terra 226, 228

Q

Quilombo 142, 143, 234, 236, 237, 238, 239, 242

R

Racismo 32, 39, 40, 41, 47, 48, 53, 64, 104, 130, 131, 132, 133, 137, 140, 147, 148, 173, 246, 248, 257

Refugiados 180, 182, 183, 184, 185, 192, 193

S

Saúde 4, 5, 28, 31, 73, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 116, 150, 160, 163, 169, 170, 179, 180, 181, 190, 191, 204, 205, 206

Serviço Social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Situação de rua 16, 17, 21, 22, 23, 24

T

Temas transversais 28, 208, 221, 222, 223

Teoria Marxiana 1

Território 22, 53, 104, 123, 146, 183, 184, 191, 200, 201, 202, 223, 225, 229, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248, 252, 254, 255

V

Violação 16, 17, 21, 23, 26, 148, 183

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 